

REDATOR PRINCIPAL
Alexandre Vieira
***** EDITOR *****
Joaquim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional
Gabinete de Imprensa - R. da Atalaia, 154
(Formulário da lei que regula a liberdade de Imprensa)

Redação e administração - Calçada do Combro, 33-A, 2.
End. teleg.: Talhada - Lisboa - Telefone: ?

CONDICÕES DE TRABALHO PELAS RUAS DE LISBOA

No meu último artigo referi-me, num apelo aos carteiros, à conveniência de se reformar o seu serviço, de onde resultaria um benefício para a saúde deles. E, a propósito, direi que a reforçar o que, noutro artigo anterior, dizia do espírito de rotina que a tantos trabalhadores faz desprezar os seus interesses, está o facto dos carteiros de Madrid considerarem de mínima importância a regalia concedida pelo governo, de não ser preciso mais subirem as escadas dos predios. Espírito de rotina, ignorância do valor das condições fisiológicas de trabalho, é o que isso significa e que dá pena ver. Quer isto dizer que continua sendo grande, enorme, a necessidade da propaganda.

* * *

O trabalho dos carteiros faz parte do conjunto de trabalhos da rua. E sendo um trabalho árduo, é também dos menos árduos que em Lisboa, se vêem executar. As ruas de Lisboa apresentam aos olhos do observador, um dos espectáculos mais tristes que se podem presenciar. Poucas cidades haverá na Europa onde os trabalhos da rua se façam em tão deploráveis condições.

Distribuir correspondência ou pão, vender jornais, peixe ou hortaliça, tudo isso se faz de modo tal, que essas actividades constituem, pela fadiga, pelo depauperamento das forças, um factor importissimo para formar tuberculosos, cardíacos, deformados, a perpetuar a pobreza fisiológica característica da raça dos pobres.

A agravar a indiferença geral, pelo hábito em que se está de ver tudo aquilo, a agravar o espírito de rotina dos próprios interessados, está ainda a opinião de gente, que se dá ares de civilizada, que tem passado a fronteira e vem depois fazer de turista, que entende deverem estas coisas conservar-se assim, porque são muito curiosas, muito típicas, muito pitorescas! E é preciso que o estrangeiro, a par dos casinos e da jogatina dos hoteis luxuosos e dos comboios rápidos, encontre alguma coisa diferente do que ele está costumado a ver, e assim encontrar aliado ao cómodo de toda a parte, o pitoresco regional que o deleite, está na variedade.

Parece mentira, mas há quem assim pense e quem o diga. Simplesmente nenhum destes lamanhos do pitoresco de Lisboa, vende jornais ou manda o filho vender-lhos, nem vende hortaliça e todo se indigna se o carteiro tarda em lhe levar a correspondência, à hora em que ele está ainda na cama.

Que interessante a algazarra, a viveza dos garotos dos jornais, tanto dos que se levantam antes do nascer do sol, como dos que à meia noite é uma hora vendem o jornal aos senhores que saem dos teatros ou dos clubes! E o homem da hortaliça, de pau ao ombro e dois cestos de legumes nas extremitades ou a mulher, mais interessante ainda, com a enorme gigante à cabeça, por essas ruas ingremes, compridas, a apregoar, pondo a giga no chão para o negócio, pondo-a de novo à cabeça, ajudada por alguém, porque pesa... E verdade: quanto julgará o elegante turista que pesa um daqueles cestos cheios de hortaliça?

Se tudo isso acaba, se tudo isso se modifica, o que vamos mostrar ao estrangeiro cheio de spleen, que ele não tenha visto? E' preciso, portanto, conservar essas coisas e fazer mais casinos.

Tudo conspira para que as coisas continuem como as vemos; e enchemo-nos de tristeza, chegamos a desesperar de alguma coi-

NA LINHA DE FOGO

NOTAS & COMENTÁRIOS

Um ano de trabalho soviético

A obra do Soviet Superior de Economia Social

Do mesmo modo que há ainda quem veja só na grande Revolução francesa as 17 000 cabeças que o terror fez rotar no cadofalso, e os incríveis desvios que vêm dos massacres de Setembro ao 9 de outubro, assim há quem julgue o regime soviético só pelos seus excessos - muito aquém dos de 93, com todas as fábulas e exageros - sem querer ver a formidável obra de remodelação social feita pelos soviets e mantida, fomentada e levada até aos extremos pelo partido dos bolchevistas, contra a reação coligada de todos os Estados do mundo.

Os bolchevistas não são talvez a revolução russa, mas o que eles fizeram, é o melhor do que eu e com mais autoridade, um critico severo do bolchevismo, Etienne Antonelli, nada partidário de Lénine:

«Os bolchevistas não são mais que os instrumentos acidentais de um a evolução final exigida pelas condições históricas da organização das forças sociais da Rússia. Talvez que a história tenha de vir a reconhecer que só os bolchevistas pelo seu esforço de contenção da massa na vida do ideal socialista eram capazes de evitar o abortamento da democracia na Rússia e a queda do movimento revolucionário numa jacquerie generalizada...»

... Se não aparece um Lénine teria surgido um Guilherme Caillebotte, um Yulik Pongatchew, ou, qu' ilquer ou tro que encerraria a aventura dando a ver: a um novo czar...»

Esta verdade é hoje facilmente reconhecida já em toda a Rússia. A ação entre as diversas facções socialistas, que está a operar-se na terra está a, só, pretexto da intervenção aliada, na passagem, dum ralliamento à política dos bolchevistas e um biss sancionado a obre dèles.

Que obra é essa, porém? O que se tem feito na Rússia? Haveremos de m orelha a pouco e pouco. O documento que inserimos hoje dum francês que habita Moscou, e dado a público há pouco dias, revela um dos aspectos dessa obra. «Não avanço que seja perfeito, diz Paul le For, em comentário, afirmando apenas que é sério, é digno e merece dum socialista mais alguma coisa que um ultraje.»

Eis o artigo de L. Armano:

«O Soviet Superior de Economia Social, fundado logo depois da revolução de Outubro, festejou há pouco o seu vinte aniversário.

A vitória do Proletariado na sua luta contra a burguesia levou-nos não só, evidentemente, à liberdade política, mas também e sobretudo à emancipação económica dos trabalhadores. Para obter a não é, pois, somente uma transformação política, é necessário realizar, mas reconstruir, também, de alto a baixo, a estrutura e o económico da Sociedade.

En vez de uma produção e de uma participação desordenadas, individualizadas, submetidas ao sabor dos interesses particulares de capitalistas e financeiros, é preciso criar uma produção e uma participação unificadas, centralizadas no interesse da colectividade, estritamente reguladas e organizadas por ela, seguindo as necessidades da colectividade, integrando, em que os instrumentos de produção deixam de ser meios de exploração, o de opressão dos trabalhadores e para se tornarem, ao contrário, nos meios de assegurar o seu bem-estar.

Esta organização da sociedade sólida nova base não pode, evidentemente, despenhar a luta, porque necessita da expropriação completa da burguesia e de todos os bens monopolizados por ela.

Para cumprir a necessidade torna, pois, que ao lado da sua ditadura política o Proletariado afirme igualmente a sua ditadura económica.

O Soviet Superior de Economia Social é o aparelho criado pelo Proletariado para a organização da produção, é o instrumento da sua ditadura económica. Que fez o Soviet Superior durante um ano, no domínio da organização da produção?

Para poder exactamente regular a produção e encarrregar-se dela, por três coisas se devia começar:

1º Fazer uma estatística de tudo o que tem. Fábricas, oficinas, mercadorias, materiais, combustível, tudo devia ser inventariado e foi isso o que fez o Soviet de Economia, de sorte que sabemos já com exactidão o que é que temos.

2º Para poder com segurança adaptar a produção a tudo aquilo de que carece

se se conseguir nesta terra. E, todavia, não seria difícil modificar, ainda que fosse pouco a pouco, melhorar, dar às ruas de Lisboa o verdadeiro aspecto que elas devem ter, com o que tudo havia a ganhar. Até o próprio turismo, em nome do qual alguns snobs pretendem manter iniquidades, até esse ganhava, porque se há os tais snobs que vêm o pitoresco onde só existe o atraso, a ignorância com as suas inevitáveis consequências, também há os que sabem ver, os que sabem distinguir, os que sabem como se avalia a civilização dum povo. E é aí que se causa sempre uma im-

pressão dolorosa, ver, numa cidade, lindas como poucas, uma grande parte da população arrastando-se com formas de trabalho, para as quais elas não encontram explicação, que não sejam a uma acusação aos que deviam, a qualquer título, tentar melhorar, acabar com um estado de coisa que é uma barbaridade e uma vergonha.

Quando, aparecerá, i nessa terra alguém que tenha olhos para ver, e que esteja em condições de al conseguir, dando assim saúde a imensas pessoas, enbezando, civilizando?

NOTAS & COMENTÁRIOS

Na Catalunha

Algumas notas curiosas sobre a orientação sindicalista na Catalunha:

Aqui há semanas esteve em Barcelona um toureiro de fama, Belmonte ou Gallito, ou qualquer ouro, não sabemos bem, que decorar nomes de brutos é tarefa que não queremos dar à memória. Quem ia levá-lo e trazê-lo da praça de touros, em automóvel, era um amigo, ou admirador do escachabóis. Pois foram os chauffeurs ter com o aficionado automobilista e lembraram-lhe que com transportar no seu carro o toureiro impedia os chauffeurs profissionais de algo ganharem com esse transporte. E parece que daí por diante passou o matador a servir-se dos carros de praça - enquanto os que mais úteis funções sociais exercem continuam a andar a pé.

Outra. Como noutro sítio se relata, uma segunda greve geral estalou na capital catalã. Greve geral, mas a tal ponto geral que não sabemos de classe que lhe não desse o seu apoio. Chegada a hora fixada, tudo parou. Uns gatos pingados que acompanhavam um funeral abandonaram o cadáver em plena via pública e foram-se. E, adesão inesperada, até os sacrifícios e os sinceros cruzaram os braços deixando de tangar as tocatinas monotonas das tóres. Não será esta atitude dos sacrifícios que mais perturbará o governo espanhol. Mas, dado que já o sindicalismo atingiu os pináculos dos templos, lícito é augurar-lhe triunfo definitivo para breve.

O seu a seu dono

O Governador civil de Aveiro, a quem nos referimos ontem nesta secção a respeito da escassez dos géneros alimentícios e que pedia insistente mente milho, apenas milho, em lugar de tropa e autorização para fuzilar o povo quando, com fundamento, nutria receio pela alteração da ordem pública no seu distrito, em consequência da falta de pão, era sr. Vasco Quevedo.

E bom que o proletariado e o país inteiro conheçam estes factos para fazerem justiça a quem é devida, seja qual for a sua filiação política ou partidária.

Se todas as autoridades administrativas e militares lhessem pela cartilha do sr. Vasco Quevedo, em relação às subsistências públicas, bem melhor seria para toda a gente e para a República Felizmente, porém, que o critério do sr. Vasco Quevedo se vai desenvolvendo, pois sabemos que há um governador civil, algures, que também não está disposto a fuzilar o povo esfomeado do seu distrito, onde os operários auferem, por semana, o salário máximo de 4500 e tem que dispendir 7500, só de milho e também por semana.

Os negregados telefones

O procedimento da Companhia dos Telefones tem suscitado geral protesto de duas categorias de indivíduos: Primeira, a dos subscritores, insatisfeitos com o serviço. Segunda, a dos que desejam se-lo, tendo requisitado em vão a Companhia o almejado aparelho, esperando meses por ele, e desesperando a sua取得.

A esta última categoria pertencemos nós. Ainda a Batalha não vira a luta de publicidade e já a nossa requisição havia sido enviada aos escritórios da Companhia. Sem embargo, até o dia de hoje, a respeito de telefone, três vezes nenhuma. Vem esta inutil queixa a pélo por termos lido nos jornais a proposta para reunir os subscritores da Companhia e formularem em assemblea as suas reclamações. E' justíssimo. O serviço tem de ser melhorado, ampliado, posto em harmonia com as necessidades do público. Como está não pode ser. E apesar de os sabermos demasiadamente, apesar de calcularmos de antemão o seu número de reclamações que teríamos de formular quando em posse do aparelho requisitado, ainda assim não deixamos de desejá-lo. E é isso precisamente o que nos custa.

convulsão

B. Barcelona de novo se lança na greve geral - esta mais absoluta das até hoje levadas a efeito, no dizer do próprio gão de Romanones. O motivo? Escrevem-no os últimos telegramas. E' claramente de tentar o governo, apesar de terem em mente os parasitas da greve a vencido, o último movimento. Essas duram, a-se por centenas. De maiores conta, ficado em meio os neira que teria, nesses se não dispensem operários barcelenses, sua solidariedade, assem agora toda a que todos elas se vingam da causa em comum. Dónde se empenharam. Mas dispe. Mantêm os resultados que a Catalunha não for, fizerem seus créditos de foco revindicação de mados à custa de muito esforço e muito sangue. Dois caminhos pode seguir o governo espanhol em face deste novo movimento: ou abrir simplesmente as portas das cadeias, pondo em liberdade os grevistas presos, e será esta a conduta mais inteligente, sendo, ao mesmo tempo a mais justa; ou prender uns tantos mais, a ver se assim fica focado o protesto, esperteza idiota, cuja eficácia começa a falhar, mas que parece ser ainda muito do gosto dos governantes de todos os países. E' que o operário, tendo sido através de séculos, a massa muda que se espesinha

Comunismo operário em Almada

As associações operárias do concelho de Almada resolvem, numa reunião ultimamente efectuada, realizar no próximo domingo um comício público onde se aprecia a careta da vida e a situação em que se encontram as classes proletárias daquela localidade.

ABATALHA

DIÁRIO DA FRANCA - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

OUVINDO O SR. EZEQUIEL DE CAMPOS

Como se melhorariam as condições de vida

Expropriação de vastas áreas de terreno, mal utilizado, e entrega da sua exploração a famílias cultivadoras e industriais

Como os leitores viram no artigo anterior, a primeira medida na lista das que, no autorizado entender do sr. Ezequiel de Campos, melhorariam as condições de vida, é a expropriação de vastas áreas de terreno mal utilizado nas regiões de fraca densidade de população, para serem reservadas como património nacional com o fim da povoação o mais rápido possível por meio de famílias cultivadoras e industriais, a que o Estado daria facilidades suficientes e oportunas de trabalho com êxito. Foi ela, naturalmente, a primeira sobre que pedimos pormenores ao ilustre economista. Quais as razões e fins de tal medida, segundo as suas ideias?

Há uma deficiente organização agrária que impede a terra de produzir na medida da sua capacidade. E como a terra não fixa e encorpora no seu trabalho a actividade da gente, Portugal vai-se tornando um povo de revoltados no Sul, e um viveiro de emigrantes no Norte.

— Dentro, pois, do actual condicionamento da nossa população agrícola do Sul, não crê que surja remedio?

O Sul do país não fará espontaneamente uma modificação agrária que canalize a gente da emigração para a sua terra de possessões longas, e que irmane os interessados regionais no cultivo da terra. Só a terra de património nacional, que urge adquirir, pode dar arrumação à maior parte da gente prestes a emigrar.

— Não, responde-nos o sr. Ezequiel de Campos; porque tudo leva a aumentar os períodos de pousio, a continuar na simples colheita, pelos animais valorizadores e com o mínimo de trabalho humano, do que a terra produz quase espontaneamente: o pasto selvagem, a boleta, a cortiça e a lenha que o pombo bravo semeou e a boa natureza faz crescer. Os cereais panificáveis e a carne de vaca devem diminuir no Alentejo.

— E para que tal não suceda entende... — Que é necessário prover terra para arar as famílias que de outra forma irão ser desarranjadas pela emigração dos seus sustentáculos, e para colocar em trabalho útil a todos nós o crescimento da nossa população. Não há de domínio público: vamos constituir o património nacional, por expropriação.

— A terra tem dono: não se contesta isso. A Constituição diz: «é garantido o direito de propriedade, salvo as limitações estabelecidas na lei». A lei estabelece vários casos de expropriação por utilidade pública: pois a expropriação de terra para fixar o melhor da nossa população no mais lucrativo trabalho da Grécia é muito mais justificável do que para estradas, caminhos de ferro, etc...

— E' uma questão de salvação pública. Não se pede o esbulho a um proprietário dos prédios cuja cultura é direita ou faz com esmero. E' uma questão de que a terra das herdades não se vende em frações convenientes para isso, não se arrenda, nem se afasta com aquele fim.

— E' para que tal não suceda entender... — Que é necessário prover terra para arar as famílias que de outra forma irão ser desarranjadas pela emigração dos seus sustentáculos, e para colocar em trabalho útil a todos nós o crescimento da nossa população. Não há de domínio público: vamos constituir o património nacional, por expropriação.

— A terra tem dono: não se contesta isso. A Constituição diz: «é garantido o direito de propriedade, salvo as limitações estabelecidas na lei». A lei estabelece vários casos de expropriação por utilidade pública: pois a expropriação de terra para fixar o melhor da nossa população no mais lucrativo trabalho da Grécia é muito mais justificável do que para estradas, caminhos de ferro, etc...

— E' uma questão de salvação pública. Não se pede o esbulho a um proprietário dos prédios cuja cultura é direita ou faz com esmero. E' uma questão de que a terra das herdades não se vende em frações convenientes para isso, não se arrenda, nem se afasta com aquele fim.

— E' como encara a nossa emigração? — interrompemos nós.

— A emigração portuguesa, tal tem sido, só nos leva à maior decadência. A gente é a maior riqueza das nações: um povo vale tanto quanto melhor souber enriquecer e fraternizar a grel com os recursos do seu país.

— Quantos a mim — responde o sr. Ezequiel de Campos — aqueles dois factores ficam, no fundo, da questão, como motivos dominantes da nossa pobreza e da nossa decadência como povo. Expus em A Conservação da riqueza nacional, em A Grel e na Evolução e revolução agrária quanto resulta nociva para nós a emigração tal como ela tem sido, especialmente desde 1890 para cá: vê-se os trabalhadores, aos milhares, a milhares, — tantos que daram todos os anos para fundar vilas e aldeias e que proporcionaram uma produção e um consumo notável de artefactos e de alimentos; crescem os parasitas da grel a sobrecregar os órgãos do Estado. Deve-se por centenas de milhares conta, ficado em meio os neira

OS DEPORTADOS

O governo garante ao Conselho Jurídico da U. O. N. o seu imediato regresso à metrópole

O Conselho Jurídico da 1.ª secção da U. O. N. tem continuado a ocupar-se dos operários deportados, da legalização da situação dos mineiros de S. Pedro da Cova e de vários outros sujeitos à sua apreciação, estudo e defesa,

Pela quinta vez, uma Comissão do Conselho Jurídico, acompanhada do seu advogado, procurou ontem o dr. Adolfo Coutinho — juríscrito encarregado de tratar dos casos dos presos por questões sociais. Ficou-se tendo conhecimento de que o seu relatório estava completo e que acabava de enviá-lo ao ministério do interior com o parecer favorável aos nossos camaradas deportados.

A mesma comissão e advogado foram, depois, ao ministério do interior tendo ali falado com o chefe de gabinete do presidente do governo o qual comunicou que o relatório já ali dera entrada e que ontem mesmo, de harmonia com as suas conclusões, seria ordenado o imediato regresso dos deportados, como é de absoluta justiça.

De absoluta justiça, sem dúvida, visto que os nossos camaradas se encontram em África por uma absoluta arbitrariedade, sem julgamento, sem processo e sem disposição de lei que a tal condusa.

Todavia aguardemos o regresso dos nossos camaradas — vítimas de uma organização social defeituosa e de uma ação perseguidora —, e, então, teremos a certeza de que justiça foi feita, embora a sociedade lhes seja ainda devendo uma grande indemnização pelos sofrimentos que lhes ocasionou e pela tortura que infligiu às suas famílias.

Só então terá descansado, quanto aos deportados, o Conselho Jurídico da U. O. N. e só então se calará A Batalha.

ONDA QUE CRESC...

REVOLUÇÃO SOCIALISTA NA HUNGRIA

Constituição de soviets. Um apelo aos trabalhadores de todo o mundo. Os aliados, em nome da «Liberdade» e da «Justiça», vão intervir...

Segundo um telegrama que ontem publicámos constitui-se em Budapeste, capital da Hungria, um governo socialista, demitindo-se o governo de Karoly em consequência da entrega da nota da Entente referente à nova linha de demarcação entre a Hungria e a Romenia. Karoly, depois de comunicar o facto ao coronel Vix, disse que deixa o poder ao proletariado, para que este resolva os seus problemas.

Alexandre Gaozavi encarregou-se da presidência do governo revolucionário dos conselhos de operários, soldados e camponeses, tendo sido nomeados Belakun e Pegany comissários do povo, respectivamente, dos negócios estrangeiros e da guerra.

Os jornais deixaram de publicar-se, constando que o novo governo solicitou o apoio da República dos Soviets da Rússia, encontrando-se já na luta Brody Stanislaw um forte exército bolchevista.

O conselho de comissários do povo e os trabalhadores, de Budapeste, dirigiram, no sábado, um apelo, em francês, alemão, inglês e romeno, anuncianto aos trabalhadores do mundo inteiro que os proletários hungares, repelindo a noite da Entente a favor da oligarquia romena, na qual se exige a entrega da Hungria, formaram um bloco para proclamar a ditadura do proletariado, e que querem prosseguir até ao último limite a luta contra o imperialismo, conjugando a sua ação com a da República dos Soviets Russos e defender a república hungara.

O conselho supremo dos aliados reuniu com os chefes das delegações das grandes potências, Wilson, Lloyd George, Clemenceau e Orlando, sob a presidência do marechal Foch, para examinar as consequências militares da revolução bolchevista na Hungria.

Não podemos, em face destes informes, fazer nenhuma ideia completa sobre a situação na Hungria. Todavia, é fácil de prever que a revolução socialista hungara trará graves complicações aos aliados, sendo duvidoso que os soldados das potências ocidentais, depois de esmagarem o ódio imperialismo alemão, se prestem a esmagar os operários das potências centrais que se pretendem emancipar.

A CRISE POLÍTICA

O conselho de ministros esteve ontem reunido quase toda a tarde, no ministério do interior, continuando a ocupar-se da solução da situação política. Tratou também de vários assuntos de administração pública, apreciando largamente o projecto do novo regulamento dos serviços ferroviários do Estado e da reorganização do ensino agrícola. Quando o conselho estava reunido, os delegados dos partidos constitucionais da República avistaram-se com o sr. José Velas, ficando aprasada para mais tarde, numa conferência a que deveria assistir o chefe do partido evolucionista. Essa conferência efectuou-se pelas 18 horas, tendo de facto assistido a ela o dr. sr. António José de Almeida.

O ministro da guerra, demissionário, ainda ontem esteve na sua secretaria, despachando assuntos de expediente. Teve sido infrutíferas as diligências feitas junto do temente coronel sr. Freitas Soares para desistir do seu pedido de demissão.

O ministro da justiça não foi ontem à sua secretaria.

FACTOS DIVERSOS

Entregou ao governador civil de Lisboa o seu pedido de demissão do cargo de administrador do concelho de Loures, o alferes sr. Alexandre Morgado,

O 1.º DE MAIO

Comegam hoje as sessões preparatórias do grande comício que a U. S. O. vai realizar naquele dia

Verificando que, apesar de há mais de quatro meses ter terminado a guerra, o custo da vida nem tem sido atenuado, e até, pelo contrário, tem subido consideravelmente os gêneros de primeira necessidade, sem que uma razão plausível justifique não só a subida mas até a manutenção dos preços actuais, a não ser a desmedida ganância dos açambarcadores que não desarmaram, a União dos Sindicatos Operários de Lisboa vai realizar no próximo 1.º de Maio um grande comício operário onde os trabalhadores de Lisboa acreditam a situação em que os colocam a desenfreada ganância do comércio, resolvendo sobre a atitude a tomar.

As duas primeiras sessões preparatórias realizam-se hoje na sede da U. O. N., pelas 21 horas, e, às 17 e meia horas, na Associação dos Operários do Arsenal de Marinha e Cordoaria Nacional, rua de São Paulo, 121, 2.º

Amanhã, pelas 17 e meia horas, realiza-se idêntica sessão na Sociedade Alves Rente, cedida, para esse fim, aos operários da Cordoaria Nacional.

Manuel do Carmo Barão

Estão à venda, na sede da «Cooperativa A Social», rua Fernandes da Fonseca, os bilhetes para a matiné que no domingo se realiza no Centro Socialista de Lisboa, em benefício da mulher e filhos de Manuel do Carmo Barão, o camarada tão cedo roubado à organização operária e que tantos serviços prestou ao movimento social e cooperativista. Continuamos a recomendar esta festa como legítima obra de solidariedade humana.

A BATALHA em Coimbra vende-se na tabacaria Pátria, rua da Sofia.

A BATALHA na província

Centro Textil da Covilhã. A miséria dos proletários — Reunião da Associação Textil

COVILHÃ, 20. — A crise da indústria de lantos mantém-se, acentuando uma situação terrível para o proletariado desta cidade. E' devido a que em resultado do aumento do custo de vida, que é o maior número de novos ricos. Os de lá, habituados, como de resto, os outros, a grossos lucros, não querem limitar-se a auferir lucros modestos. Disto resulta estar a indústria textil paralisada, aborrotando os armazéns de tecidos que não querem vender mais de se não dar a baixa. Só uma intervenção decisiva do governo decidirá a crise.

Triste e doloroso é o espectáculo que a Covilhã nos oferece todos os dias. Centenas de infelizes percorrem as ruas e praças, cobertos de andorras, descalços, roupas verdadeiramente cadavericas, que mostram claramente as privações que tem passado.

E lá caminham eles (em triste rompimento) ora a pé, ora em trenó, recobertos de casaco, molhado aquí e ali para se aquecer e num estado deplorável.

A toda a hora se dão, com fúses e corujos, inquéries sem que vejam, vir um rompido oficinal que deixa de vez tão terrível flagelo!

Cronou-se a assistência pública por meio de subvenções particulares, que não tem rendido para satisfazer as necessidades mais imperiosas, chegando aponas a entregar o arzão e o definitivo de tantos seres que também tem direito à existência.

Veio aqui o sr. Augusto Dias da Silva, ministro do trabalho, com o fim de estudar a crise e provar a forma de a debelar. Prometeu a abertura de trabalhos públicos além de alemaria de momento; mas, até hoje, ainda se não deu começo a essas obras.

Dir-se-á que se espera pelas ferramentas. Se é só por isso, urge que a sua vinda se não faça demorar muito. Os desgraçados que preparam de trabalhar para angariarem o sustento de suas famílias, não podem, definitivamente, estar de braços cruzados.

Sob a presidência do camarada Manuel da Cruz Covito, secretariado pelo camarada João Lopes Bola, reuniu pelas 21 horas a assembleia geral da Associação de Classe dos Operários da Indústria Textil, para a apreciação do relatório, e contou os delegados dos corpos gerentes. Depois de lido o relatório, foi feita uma larga discussão, procedendo depois à eleição dos corpos gerentes que dão o seguinte resultado:

E lá caminham eles (em triste rompimento) ora a pé, ora em trenó, recobertos de casaco, molhado aquí e ali para se aquecer e num estado deplorável.

Assembleia geral: presidente, José Pinto; vice-presidente, Manuel dos Santos Luis; secretários, João Lopes da Fonseca e Jamário Carrilho; vogais, Abílio Gafaria e José Pedro. Direcção: João dos Santos Marques, José Carrilho, José Rui, José Rodrigues Malaca, José da Cruz Pombo, Manuel Garcia e Francisco Xavier da Costa. Suplentes: José Diogo dos Santos e João Melchior. Conselhos fiscais: Daniel Lino, José Castano e Manuel Gafaria.

Por proposta do camarada Manuel da Cruz, a assembleia resolviu adquirir o jornal A Batalha, fazendo-se depois a sua propagação dentro do seu distrito, tão carregado de divulgador dos princípios nôs advogados, que não de interesse para todo o proletariado em geral.

Além de conmemorar o aniversário da Comuna de Paris, o Conselho Socialista desta cidade realizou uma sessão solene na sua sede no dia 18 de Março.

Celeiro Municipal — Horta — O pessoal dos Correios e o sr. António Maria da Silva — Um jornal sindicalista

COIMBRA, 22. — Ao que nos informam, a sindicância no celeiro municipal trará a luto irregularidades altamente graves, de onde se reconhecerá quanto foram vítimas os desprotegidos da sorte. Não resta a ninguém a menor dúvida, que aquilo que aí chamavam celeiro, era um verdadeiro asilo para os desprotegidos dos sr. da câmara do sr. Tomás.

Depois de lá colocar a família, seguiram-se os alinhados: gastar-se dinheiro a rôdo, e artigos para a vinda eram... promessas.

Muitas vezes iam para a porta do tal celeiro, criaturas às 2 horas da madrugada e que ali se conservavam até às 15 horas, formando bichas de centenas de pessoas debaixo de chuva e ao vento, sem que fossem avistadas, enquanto os alinhados traziam a farinha que lhes apetecia. Com a ajuda das suas amigas eram... os mesmos: para o público não havia duração para os amigos eram... os quilos.

Não é de vana faziam a divisão dos lucros que os pobres tinham de ficar porque tinham sido criminosamente condenados à pobreza, mas, para a parte, isto vai ter de ser modificado, pois que a presente comissão administrativa do município está, ao que nos dizem, na disposição de fazer anular aquilo em ordem.

O celeiro, está chegado algumas toneladas de farinha e outros artigos que só vendidos ao público por custo mínimo.

A hortaria chega ultimamente a um preço fabuloso, motivado pela ganância dos alinhados, pois que compram toda a que podem, para mandar para Lisboa, onde ganham rios de dinheiro. Os grãos, por exemplo, eram vendidos a 100 réis, a 2 centavos de 10 centavos, porque na capital, só vendidos por alto preço. Quando entram isto é em ordem?

— Lá vê a grande descontentamento entre os empregados no correio e telegrafia, pela nomeação do sr. António Maria da Silva para director geral, devendo hoje reunir em sessão. Vamos para resolver o caminho a seguir.

A classe está altamente indignada com o proceder do 3º empregado, que aqui foram os principais elementos da última greve, que agora tentam destruir a classe, para serem gratos ao seu novo director.

A que chegam determinados tartufos!

Manicomio Miguel Bombarda

Uma reclamação satisfeita

De há muito que os camaradas do Manicomio Miguel Bombarda andavam trabalhando no sentido de lhe serem concedidas determinadas horas de repouso, principalmente após as velas que são obrigados a fazer nas enfermarias.

Depois de realizadas várias demoras conseguiram a satisfação em parte dessa justa reivindicação, ficando convencionado entre o pessoal e o director daquele manicomio que, enquanto não se completa o quadro do jantar dos doentes, e assim que esteja completo o quadro, será então satisfeita a reclamação na íntegra.

Manifestação ao ministro do trabalho

Uma comissão de socialistas juntando-se a continuação na pasta de trabalho do sr. Augusto Dias da Silva, projeta levar a efeito uma manifestação no sentido de dar o seu apoio às importantes medidas de ordem social, como sejam: a socialização das minas de S. Pedro da Cova e da fábrica da Marinha Grande, aprovação imediata da lei do Seguro Social, e o reconhecimento das Associações de Classe, Federações e Uniões. Os manifestantes devem reunir-se, pelas 14 horas, na Praça do Comércio, em frente ao respectivo ministério.

A comissão convida todas as organizações socialistas e Associações de Classe, e o operariado em geral a tomar parte na projectada manifestação.

Priso que se evade do hospital

Na noite de anteontem para ontem evadiu-se dos pavilhões do hospital do Rego, o preso João Marques Correia, de 23 anos, solteiro, filho de pai incognito e de Maria da Glória, natural da freguesia de Monte Pedral (Lisboa) que dali dera entrada no dia 23, vindo da cadeia do Limeiro.

Federação da Construção civil

A comissão deste organismo que tem tratado da subvenção de 30% para os operários que trabalham nas obras do Estado, tem continuado nas suas «demarches» junto dos poderes constituidos devendo abandoná-las temporariamente devido ao governo estar demissionário, devendo recomendar os seus trabalhos logo que esteja constituído novo governo.

Hoje deve reunir a comissão de propaganda da Bolsa de Trabalho e da Caixa de Solidariedade.

Pessoal do Arsenal da Marinha

A assembleia geral deste sindicato para discussão e apreciação do relatório e contas da comissão administrativa transacta e eleição do corpo redactorial de O Eco do Arsenal, foi aprovado o relatório e eleitos os seguintes camaradas para a redacção do jornal: Redator principal, João Ricardo da Silva; administrador, editor, Artur Lopes da Silva, secretário, José Filipe.

Foi também aprovada uma saudação aos camaradas barcelonezes pela vitória alcançada e outra aos camaradas ingleses pelo seu gesto nobre e ativo de solidariedade para com os nossos camaradas russos, assim como uma moção de protesto contra a pretensão de se militarizarem diversas entidades dentro do Arsenal da Marinha e Coroa Nacional.

Operários da Comp. das Aguas

A comissão delegada desta classe avistou-se com o ministro do trabalho que lhe disse que a sua reclamação de 20 centavos de aumento devia ser satisfeita até amanhã, sexta feira.

A comissão voltará no dia indicado a conferir com aquele ministro, devendo a noite dar conta do seu mandato numa assembleia magna que se realizará na Associação.

Manipuladores do Pão

A comissão nomeada na última assembleia geral para tratar da questão das manipuladoras aplicadas aplicadas aos vendedores ambulantes, deu conta dos seus trabalhos em reunião da direção, ontem realizada, a qual resolveu convocar uma assembleia magna o mais urgentemente possível, não só para tratar assuntos da classe como para resolver sobre a aquisição de armas.

Os professores que estão suspensos, nuns fizinhos, nas aulas, sustentam a ex. e nuns brilhantes rasgo oratório convoca-se para a reunião de 20 horas.

Os professores que estão suspensos, nuns fizinhos, nas aulas, sustentam a ex. e nuns brilhantes rasgo oratório convoca-se para a reunião de 20 horas.

Os professores que estão suspensos, nuns fizinhos, nas aulas, sustentam a ex. e nuns brilhantes rasgo oratório convoca-se para a reunião de 20 horas.

Os professores que estão suspensos, nuns fizinhos, nas aulas, sustentam a ex. e nuns brilhantes rasgo oratório convoca-se para a reunião de 20 horas.

Os professores que estão suspensos, nuns fizinhos, nas aulas, sustentam a ex. e nuns brilhantes rasgo oratório convoca-se para a reunião de 20 horas.

Os professores que estão suspensos, nuns fizinhos, nas aulas, sustentam a ex. e nuns brilhantes rasgo oratório convoca-se para a reunião de 20 horas.

Os professores que estão suspensos, nuns fizinhos, nas aulas, sustentam a ex. e nuns brilhantes rasgo oratório convoca-se para a reunião de 20 horas.

Os professores que estão suspensos, nuns fizinhos, nas aulas, sustentam a ex. e nuns brilhantes rasgo oratório convoca-se para a reunião de 20 horas.

Os professores que estão suspensos, nuns fizinhos, nas aulas, sustentam a ex. e nuns brilhantes rasgo oratório convoca-se para a reunião de 20 horas.

Os professores que estão suspensos, nuns fizinhos, nas aulas, sustentam a ex. e nuns brilhantes rasgo oratório convoca-se para a reunião de 20 horas.

Os professores que estão suspensos, nuns fizinhos, nas aulas, sustentam a ex. e nuns brilhantes rasgo oratório convoca-se para a reunião de 20 horas.

Os professores que estão suspensos, nuns fizinhos, nas aulas, sustentam a ex. e nuns brilh

Contos de «A Batalha»

A má paga, mau trabalho

Era uma vez um pobre tecelão e sua mulher, que mal podiam sustentar três filhos que tinham. Dois destes não saíam fóra do co-mum. O mais velho, porém, de nome Jorge, era o mais alto e o mais forte dos rapazes da sua idade, tinha por costume refletir sobre as coisas e depois dizia: *isso é justo ou isso é injusto.* E tendo dito *isso é justo* só se o matassem o impediriam de o fazer, assim como também se dissesse *isso é injusto*, preferia deixar-se matar a fazê-lo. Mas, as questões de justiça são quasi sempre complicadas, de maneira que a Jorge, como a toda a gente, acontecia enganar-se.

Um dia, à mesa, depois de o pai e a mãe se terem servido, Jorge pegou na travessa e disse:

—Hoje reparo bem e não me engano; Eu, só, fiz exatamente tanto trabalho como meus irmãos. E, pois, justo que eu, só, coma tanto como eles ambos.

E ao acabar de pronunciar estas palavras sobre a justiça, deitou no prato metade do que estava na travessa.

Mas o pai perguntou-lhe:

—Quando tinhas dois anos, que trabalho fazias tu?

Nenhum, replicou Jorge; eu era muito pequeno.

—Se, como é justo, ou não te tivesse dado de comer antes de ganhares para teu sustento, julgas que terias podido viver?

Jorge não respondeu e fez-se minuto vermelho. Tornou a pôr na travessa o que deitara no prato, dividiu a comida em trez partes iguais, serviu os irmãos e esteve um bom bocado sem comer. Por fim, observou:

—Talvez que a justiça nada tenha que ver com a família.

E ainda desta vez não começou a comer, preso como estava a refletir sobre coisas muito complicadas. Depois de ter refletido bastante, voltou-se para a mãe e disse-lhe:

—A mãe respondeu:

—Eu, que quasi nem tenho tempo para isso, meu Jorge.

Desta vez Jorge não precisou de refletir. Atalhou imediatamente:

—Olha, mãe, o que dá coragem, não faz perder o tempo: faz ganhá-lo.

E a mãe então beijou-o muito.

Quando fez quinze anos, como os quinhões de pão e comida, em casa, fossem bem pequenos, Jorge abraçou o pai, a mãe e os irmãos e partiu, para que os quinhões dos que ficavam fossem maiores. Confrangia-se-lhe o coração, mas como sabia que fazia bem, não chorou.

Foi para o serviço de um lavrador das proximidades do lugaz. Prometera a si próprio trabalhar bastante, para agradar ao amo.

Mas logo no primeiro dia viu que o amo era um homem mau e avaro; então mudou de ideias.

Na manhã seguinte ordenou o lavrador a Jorge:

—Anda comigo. Vamos lá.

Foram, cada um com sua junta de bois e seu arado, mas sem levarem nada de comer. Jorge pensou:

—Quando o meu amo me conhecer e tiver confiança em mim, dir-lhe-ei que ir comer a casa pelo dia adiante, faz perder muito. Mas hoje nada lhe direi: não se devem dizer estas coisas aos que ainda nos não apreciam.

Pôz-se a trabalhar com ardor, para que o amo tivesse bem de pressa confiança nele, e como era muito forte fazia três vezes mais trabalho do que o amo.

Quando chegou a hora do comer, tinha um grande apetite, porque tinha trabalhado muito.

Propôs-lhe o amo:

—Eh! rapaz, se se nós fizessemos que jantamos?

Jorge não ficou satisfeito com isto, mas disse:

—Como fôr da sua vontade.

Sentaram-se à sombra como para jantar. O lavrador tirou uma navalha da algibeira e pôs-se a arranjar as unhas ao mesmo tem-

po que conversava como quando se está a comer. Jorge não dizia nada, e reflectia. Depois de terem empregado o tempo de jantar a fazerem que jantavam, voltaram ao trabalho.

Mas Jorge, em vez de abrir com o arado um novo rôgo, passou sobre o último aberto de manhã, e quando chegou à extremidade da leira, voltou para o penúltimo. A princípio o lavrador nada disse; quando, porém, aquela manobra se repetiu três ou quatro vezes, perguntou num berro:

—Eh! rapaz, que é que andas a fazer?

—Que há de ser? Quem faz que janta, faz que trabalha.

Bastante vontade teve o lavrador de lhe dar uma bofetada na cara, ou um pontapé noutro sitio, mas Jorge era muito forte, e não tinha na ocasião um ar muito agradável. O lavrador preferiu calar-se. E até à noite o rapaz continuou a passar o arado pelos sulcos já cavados, fazendo que trabalhava.

No dia seguinte de manhã, o lavrador disse à mulher:

—Dá qualquer coisa de comer e de beber ao criado.

E disse ao criado:

—Jorge, tens que ir empregar a vinha.

A caminho da vinha, Jorge viu o que a patrôa lhe tinha dado para comer e beber, e abanou a cabeça como quem não está satisfeito. Depois, quando chegou ao seu destino, pôs-se a falar sôsíinho, mas fazendo duas vozes diferentes, como se conversasse com a vinha e a vinha lhe respondesse:

—Vinha, que queres que eu faça?

—Jorge, que tens na cabacã?

—Aqua-pé desenxabida.

—E a respeito de comida?

—Pão de centeio, no alforje.

—Pois deita-te a dormir, Jorge.

A noite, quando voltou casa, perguntou-lhe o amo:

—Empaste muito, rapaz?

—Bastante, sim senhor. Fiquei na cesta torta.

No dia seguinte, tornou para a vinha:

—Vinha, que queres que eu faça?

—Jorge, que tens na cabacã?

—Aqua-pé desenxabida.

—E a respeito de comida?

—Pão de centeio no alforje.

—Pois deita-te a dormir, Jorge.

A noite, perguntou-lhe o amo:

—Empaste hoje muito, rapaz?

—Tanto como ontem; fiquei na cesta torta.

O lavrador não disse nada, mas no dia seguinte, partiu para a vinha antes do criado, e viu que o trabalho nem começado estava.

Escondeu-se atrás da sebe, e quando chegou o criado, ouviu-o falar sôsíinho, mas fazendo duas vozes diferentes, como se falasse com a vinha e a vinha lhe respondesse:

—Vinha, que queres que eu faça?

—Jorge, que tens na cabacã?

—Aqua-pé desenxabida.

—E a respeito de comida?

—Pão de centeio no alforje.

—Pois deita-te a dormir, Jorge.

A vinha que o criado se deitava em vez de trabalhar.

A noite, o amo não disse nada, mas, ao deitar-se, recomendou à mulher:

—Amanhã tens que dar ao criado bom pão e bom vinho...

No dia dia seguinte de manhã, depois da patrôa lhe ter dado bom pão e bom vinho, Jorge partiu para a vinha.

—Vinha, que queres que eu faça?

—Jorge, que tens na cabacã?

—Uma pinga que é duma cana.

—Trabalha, safardana.

—E a respeito de comida?

—Pão de trigo, no alforje.

—Pois então trabalha, Jorge.

A noite, quando Jorge voltou, perguntou-lhe o lavrador:

—Empaste hoje muito rapaz?

—Deixei tudo pronto, meu amo.

Dai em diante, deram-lhe sempre bom pão e bom vinho e ele fez sempre bom trabalho.

OLIMPIA

da opera cinematográfica em 5 actos de V. SARDOU

PERSONAGENS

Tosca... Francesca Bertini
Condessa d'Attavanti... Olga Benetti
Mario Cavaradossi... G. Serena
Barão Scarpia... A. d'Antony
Angelotti... Luigi Massi
Spoleto... De Lica

Scenários suntuosos. Música expressamente arranjada pelo maestro concertador D. José Bonet.

Estrela — O TIO XAVIER, comédia em 2 actos sobre assuntos de JUDEX por Mamarracho. Estrela — CIDADES BELGAS.

No programa: O Triunfo do Dever, 4 actos.

Os enormes encargos que este programa vem acarretar à empresa, obriga-nos a aumentar o preço dos bilhetes. Matinées: Plateia 400; Balcão 700.

Soirées: Plateia 500; Balcão 1.500.

A Empresa pede a fineza de não se utilizarem dos bilhetes de convite.

QUESTÕES QUE INTERESSAM

A falta de comboios nas linhas do Sul e Suéste

Sabendo os enormes prejuízos que ao público está causando a falta de comboios nas linhas do Sul e Suéste, onde até hoje se mantém reduzidíssima a circulação dos principais comboios de passageiros, em princípio justificada pela Administração, nas consequências da greve última que o pessoal daquelas linhas levou a efeito, depois da falta de máquinas; e, por último, por motivos para nós e para o público indecifráveis, por isso que o pessoal ferroviário já afirmou, em notas aqui publicadas, que a normalização do serviço de comboios se podia fazer imediatamente, para o que havia máquinas em quantidade suficiente, tendo-se nesse sentido a sua Associação de classe dirigido aos poderes superiores. Visto sobre o pessoal pesar a responsabilidade dessa insuficiência, resolvemos procurar quem sobre o assunto nos pudesse dar seguros informes que nos habilitassem a imprimir nas colunas de A Batalha as razões porque o público do sul do país ainda sofre uma tão sensível falta de comboios para os seus transportes.

Para esse efeito dirigimo-nos ao Barreiro, em procura de alguém que deviamente nos informasse. Depois dum troca de impressões com alguns ferroviários que vimos pelo trajeto, foi-nos indicada a associação de classe do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Suéste, em cuja sede facilmente encontrámos esclarecimentos a respeito de que ali nos conduzia.

Foi o que fizemos e em tão boa hora que fomos deparar com um ferroviário, membro da Comissão encarregada de

pedir que se admísse no referido corpo.

—Está-se organizando um batalhão de marinha que será composto especialmente por oficiais, sargentos e praças que fazem parte dos batalhões expeditos a Moçambique e Angola, a fim de tomar parte na parada que se deve realizar em Abril próximo.

Foi determinado que os navios de guerra e os estabelecimentos de marinha, iluminem de gala nas noites dos dias em que se realizem as projeções.

No quartel de marinharia poderão estar activados os quartéis de marinharia para receber naquele quartel, o batalhão de marinharia que regressa de Moçambique.

Os comerciantes e agentes de S. Tomé, pediram para que vao ali dous vapores carregar a enorme quantidade de cacau que ali existe, para esifar o excesso das compradores e outros para os promotores.

DIÁRIO DO GOVERNO

A Róla oficial de ontem publica: portaria mandando proceder a um inquérito ao último concurso para professores ordinários do 2.º grupo da 8.ª secção da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, bem como ao concurso anterior para primeiros assistentes do mesmo grupo e secção, e nomeando o respectivo síndicado para encarregar o juiz do inquérito dos efeitos da nomeação dos professores ordinários de ciências e matemáticas da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, que possam ser considerados de hospitalidade e regime; portaria nomeando os sargentos encarregados de apurar a responsabilidade dos magistrados do Ministério Públiso e outros funcionários dependentes do ministério da justiça e dos cultos que durante a ultima insurreição monárquica se envolveram em factos anormais, faltando à aldeia devido a instições e ás leis; decretando elevar o montante dos expostos do sexo masculino da Misericórdia de Lisboa e equiparando os vencimentos das enfermeiras e respectivas praticantes da mesma Misericórdia nos empregados da igual categoria dos hospitais civis e de ensino da Casa Pia de Lisboa, decretando que os vencimentos dos professores ordinários da apostação ordinária nos funcionários civis com mais de sessenta anos de idade e tributa e cinco de bom e efectivo serviço e sem o tempo de classe designado no artigo 7.º do decreto n.º 17 de Julho de 1886; portaria mandando que os funerais de todos os militares expedicionários de França ou África, falecidos por motivo de campanha, sejam subvencionados nas condições em que são os dos oficiais do exército.

—E, depois disso, largaram o assunto?

—Não senhor. Procurámos o director a quem expozemos o resultado do nosso inquérito, respondendo-nos ele que ia tratar o caso com o ministro. Dali dirigimo-nos ao ministro que foi mais franco, pois nos declarou que o aumento dos comboios de passageiros só se fazia devido a que se regulava a questão da saída do dia 14 de Abril e até hoje continua.

—De forma que não é por falta de máquinas que os comboios não fazem, mas sim porque qualquer má vontade se impõe em prejuízo dos interesses do público.

—Exactamente—responde-nos o nosso entrevistado.

—E sabe qual é a causa que motiva tudo isto?

—Enfim lhe digo. O abandono das lagunas levado a efeito pelo pessoal superior desautorizou-os, ficando o serviço entregue aos inspectores que por sua vez só tem esforçado por desenvolvê-lo a ponto tal que o descongestionamento das mercadorias nas estações é hoje um facto, e os déficits de material circulante diminuiram consideravelmente, resultando daqui a prova do péssimo serviço que se fazia, sob a direcção daquelas que abandonaram os seus lugares.

O ministro que conhece tudo isto, não querendo dar-lhe o golpe de misericórdia, está protelando a normalização do serviço dos comboios, para não acenhar mais a desautorização das entidades superiores.

Agradecendo ao nosso amigo as valiosas informações que nos deu apressadamente, e que sabíamos não ser verdade, por isso que a inutilização de máquinas tinha sido feita justamente por indivíduos estranhos ao Caminho de Ferro e que o governo tinha assoldado para traírem aquelas movimentações.

—Mas, realmente, ficaram inutilizadas muitas máquinas por ocasião das greves?—inquirimos.

—Apenas umas duas ou três e essas mesmo com pequenas avarias de fácil reparação. Mas não era a simples falta de duas ou três máquinas que podia justificar a falta de comboios, e dai a comissão resolvida levar a efeito um como que inquérito, cujos resultados o meu amigo vai conhecer. Depois dum troca de impressões entre os membros da comissão, dirigiram-se todos ao gabinete do inspector da 1.ª secção, que foi a primeira entidade ouvida por nós sobre o assunto. Entre outras coisas responder-nos que o aumento do número de comboios, prejudicaria sensivelmente o serviço de mercadorias, que era o primeiro e o mais importante.

